

Transcrição:



Excelentíssimas autoridades civis e militares;

Ex. Senhor Presidente da Câmara Municipal de Mondim de Basto:

Direi, em meu nome pessoal e em nome de todos os combatentes deste Concelho que V. Exa. e graças a Deus, um homem de muita coragem.

V. Exa. E toda a vereação que o acompanhou. E digo-o, porque, por mais absurdo que possa parecer, neste País de tantas façanhas e de tanta glória, de tantos santos, e de tantos heróis ainda é necessária uma grande dose de coragem para homenagear, passados que são tantos anos, todos aqueles a quem a coragem nunca faltou. Para homenagear todos aqueles que respondendo ao apelo da Pátria herdada, do Estado

imposto e do governo não votado, partiram, um dia, por esta estrada, com os olhos coalhados de Tâmega e suplicantemente ajoelhados aos pés de Nossa Senhora da Graça. De todos aqueles que foram arrancados violentamente do colo materno, do aconchego do lar, e das telúricas fragas do Marão sagrado, para partirem, de madrugada, deixando a cama desfeita e, quantas vezes, uma vida a germinar na barriga das companheiras. De todos aqueles que voaram sobre os continentes, navegaram sobre os oceanos e desembarcaram, de peito feito, nas praias escaldantes duma África que os enfeitiçou. De todos aqueles que durante dois estáticos e intermináveis anos comeram o pão que o diabo amassou, comungaram dos horrores da guerra revelada e beberam do cálice que transbordava de sangue, que transbordava de suor e que transbordava com as lágrimas derramadas. O amargo cálice das saudades, o amargo cálice da fome, da sede, do calor, da ansiedade e do desespero, das febres e das viroses, da distância e da loucura, do pasmo, e do horror, do silêncio e do sofrimento. Do cálice da dor, do cálice do martírio, mas também do cálice da redenção. De todos aqueles que por obras valorosas da lei e da morte se foram libertando, partidos pelas rajadas, estilhaçados pelos morteiros, rachados a foguetão e nas minas crucificados. De todos aqueles a quem a alma foi arrancada, a quem a alegria foi interrompida a quem a esperança foi degolada. De todos aqueles de quem o estado cobardemente se esqueceu e de todos aqueles a quem a sociedade estupidamente apontou o dedo castigador. De todos aqueles que foram ultrajados e sobre quem pesa o estigma condenatório. De todos aqueles que foram preteridos por cobardes e desertores, de todos

aqueles que nunca receberam as benesses que já recebem, há muito, os párias e os infiéis e os traidores.

Daí a coragem necessária para homenagear os injustiçados. Para lavrar no granito da nossa montanha sagrada os feitos dos heróis de Mondim de Basto. E nós os ex-combatentes do Ultramar vamos saldando, aos poucos, as contas com os fantasmas do nosso passado e solidificando, com desmedido orgulho, o reconfortante sentimento do dever cumprido. Com honra e com glória. Como a Pátria mereceu, como a Pátria o merece e como há-de merecer



eternamente. E nós que somos, injustamente, apelidados de insensíveis colonialistas podemos não nos rever numa nação cada vez mais colonizada, e num estado cada vez mais colonizador. Mas sentimo-nos bem e recompensados aqui aos pés daquela Senhora que nos acompanha há tantos séculos em todas as batalhas da Pátria Mãe, nestas eiras de granito Transmontano que falarão, para todo o sempre da coragem e do valor dos homens deste Concelho.

Muito obrigado, Senhor Presidente da Câmara Municipal de Mondim de Basto. V. Exa. É, graças a Deus, um homem de coragem reconhecida.